

Behavior setting*

José Q. Pinheiro**

Entendimento geral

Unidades básicas da Psicologia Ecológica formulada por Roger Barker, *behavior settings* são unidades ecocomportamentais que correspondem a padrões estáveis de comportamento que ocorrem em tempo e espaço determinados. Por não tratar exclusivamente nem de comportamento nem de ambiente, o conceito expressa a relação de interdependência entre ambos, correspondendo a uma maneira original de enxergar a relação comportamento/ambiente em psicologia. Justifica-se a manutenção do termo em inglês devido às traduções para o português empregadas até esse momento (como situação de comportamento, ambiente de/do comportamento, contexto de comportamento, cenário de comportamento ou quadro de comportamento) não expressarem a relação bidirecional proposta pelo autor.

* As duas fontes básicas deste texto são *Ecological Psychology* (BARKER, 1968) e *An Introduction to Ecological Psychology* (WICKER, 1979). Para evitar repetição e melhorar a fluência e a leveza do texto, as remissões a elas serão omitidas; serão referenciadas apenas as demais obras, sempre que cabível.

** O autor agradece o apoio do CNPq e os comentários de Isolda A. Günther e Fernanda F. Gurgel relativos a uma versão preliminar deste trabalho.

Introdução

Imagine que um colega o convida para uma festa no próximo fim de semana na casa dele, mas você hesita em confirmar sua presença, pois o conhece pouco e não tem ideia de como será o evento. Então surgem em sua cabeça as típicas perguntas sobre: como será essa festa; se você deve levar alguma comida ou bebida; se vai haver muita gente (na verdade, você gostaria de saber “quem” vai estar lá)... Além de não conhecer bem esse colega (para poder fazer previsões sobre a situação baseada no perfil dele), o principal elemento faltante para sua decisão se refere ao contexto: ao “roteiro” do que vai acontecer por lá (quem estará fazendo o quê e quando), horário provável para início e término (rígido ou flexível?), como é a casa dele, que roupa usar.

Durante a maior parte de sua existência – e certamente ainda hoje – a Psicologia buscou entender o comportamento a partir da pessoa que se comporta (história de vida, traços de personalidade, diferenças individuais e coisas do gênero). Com o movimento de crescente contextualização que se verificou nas últimas décadas do século XX, a análise da conduta humana passou a incluir cada vez mais o ambiente social entre seus determinantes e, nas abordagens mais “ambientais”, também o ambiente físico em que ocorre o comportamento.

Por tudo isso, o conceito de *behavior setting* tem uma importância muito grande para o estudo das relações pessoa-ambiente, pois relaciona dinâmica e, interdependentemente, a pessoa que se comporta, o comportamento que é exteriorizado e o ambiente em que isso acontece. O *behavior setting* constitui a unidade básica da psicologia ecológica e é uma noção indispensável para a análise da atuação das pessoas nos ambientes socialmente organizados do cotidiano.

A Psicologia Ecológica de Barker

A Psicologia Ecológica desenvolvida por Roger Barker (1968, 1987) e seus colegas trata de como o comportamento e as experiências das pessoas estão relacionadas com seus ambientes do dia a dia. Eles criaram a Estação Psicológica de Campo de Midwest em uma cidadezinha no interior do Estado do Kansas, em 1947, e a mantiveram em funcionamento até 1972 como uma seção do Departamento de Psicologia da Universidade do Kansas. Estações de campo não são comuns em Psicologia; são mais uma tradição das ciências biológicas, pois os pesquisadores dessa área precisam se deslocar para os ambientes onde vivem os organismos que eles estudam. Esse foi justamente o propósito pretendido pelo casal Barker ao se mudar para Oskaloosa, essa pequena cidade no meio-oeste estadunidense que, na época, tinha uma população de 715 habitantes, entre os quais 100 crianças.

Ao ser indagado, em uma entrevista (ORZEK, 1987), sobre a razão de ter escolhido aquela cidade como sede para a estação de campo, Roger Barker disse:

Em primeiro lugar, eu estava interessado no comportamento de crianças fora de laboratórios, clínicas e escolas, as principais fontes de nosso conhecimento científico sobre crianças. Em segundo lugar, eu tinha crescido no meio-oeste e conhecia as cidades da região. Elas são agrupamentos de pessoas espacialmente limitados, com “paredes” quase impenetráveis de espaço vazio ao redor. Minha ideia era me estabelecer em uma dessas cidades e estudar as crianças como os biólogos estudam os animais em uma reserva natural (p. 233).

Na mesma entrevista, Louise Barker, sua esposa e colega de trabalho, acrescentou que um fator importante para a es-

colha de Oskaloosa foi o fato de ser a sede do município, o que implicava uma maior variedade na população local. “Nós pensávamos em viver em Lawrence (cidade-sede da Universidade do Kansas), mas em pouco tempo ficou claro que tínhamos de morar na mesma comunidade em que estudávamos” (p. 233).

Roger Barker e seu colega, Herbert Wright, com quem escreveu várias obras daquele período (1951, 1955), estavam interessados em desenvolver uma abordagem ecológica para o estudo da experiência e comportamento humanos. Eles achavam que esse esforço teria grande valor científico, mas também prático, já que queriam descrever como uma família se comporta em uma refeição, como uma professora trata seus alunos na sala de aula, como estes reagem, e outros eventos do tipo. Queriam mapear os *habitats psicológicos*, de modo análogo ao modo como um biólogo procede com os habitats vegetais e animais. Esses mapas incluíam os ambientes sociofísicos cotidianos que circundam as pessoas e que afetam seu comportamento, percepções e sentimentos; tais registros seriam úteis para comparar comportamentos e ambientes de pessoas de diferentes classes sociais, grupos étnicos, culturas e períodos da história.

Barker e Wright tinham sido discípulos e colaboradores de Kurt Lewin (1965), e conheciam a realidade das pesquisas feitas em laboratório. Consideravam que os métodos disponíveis só mostravam como as pessoas *poderiam* se comportar sob condições controladas nos experimentos de laboratório ou em respostas a testes psicológicos. Quase nada se sabia sobre como elas *realmente* se comportavam, sobre os *inputs* que recebiam de seus ambientes diários ou como reagiam às diferentes situações vividas. Eles defendiam que os registros

naturalísticos de comportamento seriam úteis para a formulação de teorias gerais sobre o relacionamento entre comportamentos e ambientes, da mesma forma que ciências não experimentais, como astronomia, geologia e meteorologia tinham sido capazes de desenvolver teorias sobre fenômenos complexos a partir de cuidadosas observações.

Em Oskaloosa, portanto, foram realizados os primeiros estudos de observação naturalística do comportamento que viriam a dar origem às noções fundamentais dessa área, logo a seguir denominada *Psicologia Ecológica*. Na medida em que não eram estabelecidos *a priori* os critérios de classificação de comportamento (como no caso de itens de um questionário ou perguntas numa entrevista), fazia-se necessária a definição de unidades básicas de comportamento. Segundo Barker (1968), “quando observadores abordam o fluxo de comportamento dos sujeitos como sensores e transdutores, anotando em linguagem de senso comum o que veem, unidades estruturais-dinâmicas sempre são encontradas” (p. 146). Essas unidades molares fundamentais do fluxo de comportamento, determinadas a partir da análise dos registros efetuados, foram denominadas *episódios de comportamento*. Possuem atributos como constância de direção, potência igual ao longo de suas partes e variação limitada de tamanho, tendo posição tão clara na hierarquia de unidades de comportamento quanto a posição dos cristais e das células na hierarquia das unidades físicas e orgânicas. Assim, por exemplo, o episódio *fingindo usar batom* compreende a garotinha Maud tirando do bolso um lápis de cera de cor laranja, que é passado nos lábios, como se fosse batom. Mas, como se daria a relação entre esses episódios de comportamento e o ambiente?

Incluir o ambiente ecológico nas considerações da ciência psicológica implicava superar dificuldades fundamentais

quanto à conceituação desse ambiente, ou seja: que não apresentava direção relacionada ao comportamento, que era infinito, desordenado e conceitualmente incomparável com o setor intrapessoal do fato psicológico. Empenhando muito tempo e esforço para a superação dessas barreiras, Barker e Wright chegaram a uma importante constatação: “Os comportamentos das crianças podiam ser mais acuradamente previstos conhecendo-se as situações em que elas se encontravam do que se conhecendo suas características individuais” (WICKER, 1979: 6). Eles perceberam que a conduta de cada criança alterava-se em função do ambiente imediato em que ela se encontrava e que crianças diferentes em um mesmo ambiente comportavam-se de modo muito semelhante. Havia, é claro, alguma variação individual, mas a faixa de variação comportamental era sempre característica do ambiente analisado e representava apenas uma parte do conjunto de comportamentos possíveis para aquele organismo naquelas condições físicas.

Foi preciso deslocar o foco de atenção das variáveis centradas na pessoa (pensamentos, atitudes, traços de personalidade) para constatar que havia organização no ambiente ecológico, que havia unidades hierarquicamente dispostas nesse ambiente, funcionando como agentes de conformidade (mas não de uniformidade) comportamental. Essas unidades *ecomportamentais*, que correspondem a padrões estáveis de comportamento ocorrendo em tempo e espaço determinados, foram denominadas *behavior settings*.

Behavior setting

Sendo um padrão característico de comportamento vinculado a uma localização geográfica e ocorrendo em perío-

dos regulares de tempo, o conceito de *behavior setting* apresenta natureza ecomportamental – não só ecológica, nem só comportamental. Em outras palavras, ele não é comportamento, nem é ambiente; ele expressa a relação de interdependência entre os dois. Essa forma de enxergar a relação comportamento/ambiente é original na psicologia. Não existia antes de sua formulação por Barker e seus colegas. Justifica-se, portanto, um cuidado terminológico: utilizar o termo em sua grafia original. As traduções para o português que têm sido empregadas inevitavelmente expressam a tradicional separação entre ambiente e comportamento, a saber: *situação de comportamento*, *ambiente de/do comportamento*, *contexto de comportamento*, *cenário de comportamento*, ou, ainda, *quadro de comportamento*.

Em todos esses casos há uma diferenciação hierárquica, baseada na tradição cultural vigente, de enxergar ambiente como fundo e comportamento como figura destacada contra esse fundo. Ou seja, aqueles termos “apaziguam” a dificuldade de compreensão do novo conceito da pior maneira, suprimindo sua contribuição diferencial. O significado pretendido por Barker e colaboradores é de uma noção relacional, de interdependência entre ambiente e comportamento, para a qual não existe equivalente em português (e desconfio que o mesmo se aplique a todas as línguas ocidentais)¹.

1. Convém notar que, de modo semelhante, utilizamos a palavra *laser* cotidianamente (p. ex.: “o *laser* do meu leitor de CDs está com defeito”, ou “meu dentista já está operando com *laser*”). Não tentamos substituí-la, pois ela significa algo que não existia antes de sua invenção (*light amplification by stimulated emission of radiation*, ou “amplificação da luz por emissão estimulada de radiação”).

Um *behavior setting* não é apenas uma porção de espaço no entorno imediato; é, antes, um conjunto de interações dentro de um lugar. Constitui o ambiente imediato do comportamento humano no sentido de proporcionar os *inputs* momento a momento para as pessoas. Os *behavior settings* (ou simplesmente, *settings*, como eventualmente utilizado neste texto) têm existência própria, independente de qualquer pessoa em particular. Para Wicker (1979), são “reais” (p. 9) quando contrapostos a abstrações psicológicas como atitudes e motivos. É fácil verificar empiricamente a importância e robustez relativa do conceito de *behavior setting*, com base na interdependência entre ambiente e comportamento. Um padrão estável de comportamento, por si só, não tem qualquer sentido; seria como observar alguém fingindo ir ao consultório de um dentista para obturar uma cárie. Da mesma forma, um consultório dentário sem a presença dos pacientes seria algo sem sentido.

Para tornar mais clara essa apresentação, imaginemos uma aula de Geografia sobre mapas do mundo, acontecendo em uma escola de ensino médio vinculada à rede estadual de ensino. As pessoas que estão tomando parte nessa aula estão “se comportando na aula de Geografia” e não no “concerto de *rock*”, ou “jogo de basquetebol”. Ou seja, o professor está desempenhando seu papel de acordo com a estratégia pedagógica planejada para essa aula e os alunos estão fazendo sua parte, em correspondência. O *behavior setting* “aula de geografia sobre mapa do mundo” acontece em uma sala de aula específica (e não no pátio da escola, por exemplo), em dia e horário determinados (e não em dia e horário da aula de Educação Física, por exemplo). Em outras palavras, esse *behavior setting* tem limites espaciais e temporais específicos

que o distinguem dos demais, e que circunscrevem o comportamento de seus integrantes. Dentro desses limites acontece um padrão ordenado de comportamentos, uma sequência prescrita de interações entre pessoas e objetos chamada de *programa do setting*.

O programa é a “alma” do *behavior setting*, sua razão de ser, e responsável por sua conformação ecológica e comportamental. Ele restringe a amplitude do comportamento dos componentes humanos promovendo e, às vezes, exigindo certas ações ou desencorajando e proibindo outras. No exemplo anterior, professor e alunos conhecem o programa daquele *setting*, sabem o que é esperado deles em termos comportamentais; por isso “se comportam aula de Geografia e não concerto de *rock*” (que tem um programa bem diferente). Embora os *settings* obriguem seus ocupantes de importantes maneiras, eles próprios são contidos por essas mesmas pessoas e altamente dependentes delas. Um ocupante entra em um *behavior setting* por alguma razão – por exemplo, existe algum objetivo ou satisfação que o *setting* lhe proporciona.

Tendo apresentado a noção de programa do *setting*, podemos atualizar o que havíamos dito antes, a respeito da previsão de comportamentos. É mais fácil prever o comportamento dos ocupantes de um *behavior setting* quando se conhece o programa desse *setting* do que quando se conhecem as características individuais de seus ocupantes. Também é possível apresentar outra definição de *behavior setting*, complementar às já mencionadas:

Um *behavior setting* é um sistema limitado, autorregulado e ordenado, constituído de componentes humanos e não humanos substituíveis que interagem de modo sincronizado para executar uma se-

quência de eventos denominada programa do *setting* (WICKER, 1979: 12).

Os comportamentos extraindivíduo, impostos aos componentes humanos do *setting* por seu programa, são *ações de manutenção* do *setting*, os quais coexistem com as *ações individuais*, não determinadas pelo *setting* e nem essenciais à sua ocorrência. Como entidade dinâmica, constantemente voltada para a manutenção de seu próprio estado de equilíbrio, o *behavior setting* precisa das pessoas para concretizar as atividades essenciais. Ele depende de um número adequado de ocupantes. As forças atuantes no *setting* encontram-se em estado normal quando ele está ocupado em condições otimizadas. Em regime de subocupação (*undermanning*), ou superocupação (*overmanning*) alteram-se as condições para o funcionamento dos componentes humanos e não humanos, e ajustes de manutenção precisam ser feitos.

Uma propriedade fundamental de um *behavior setting* é sua unidade interna. Por isso, ao realizar o levantamento de *behavior settings* de uma comunidade ou organização, é preciso identificar as *unidades sinomórficas*, ou seja, seções do ambiente em que ocorre integração entre as ações executadas (padrões estáveis de comportamento) e condições espaciais e temporais específicas. As partes sinomórficas de um *setting* apresentam um grau de interdependência maior entre si do que com partes de outros *settings*. Ou seja, uma carteira escolar tem mais relação com uma aula do que com uma missa celebrada numa igreja; essa mesma carteira tem relação com o quadro-negro utilizado na sala de aula, mas não com o banco daquela igreja.

Barker e seus colegas criaram o índice k21, um conjunto de critérios bem simples de identificação e mensuração das

partes de um *setting* visando sua diferenciação de outros *settings* (população comum, interdependência espacial, contiguidade temporal, mesmos padrões de comportamento etc.). Ao classificarem as partes sinomórficas com base nesses critérios, dividiam a comunidade analisada em unidades, que também eram percebidas como unidades na visão de senso comum dos próprios integrantes dessa comunidade. Em outras palavras, as seções do ambiente classificadas pelo procedimento k21 como um *behavior setting* (missa das 11, aula de Matemática, partida de futebol) também eram identificadas pela comunidade como uma mesma unidade.

O número e a variedade de *behavior settings* mantinham-se surpreendentemente constantes mesmo quando Barker e colegas estudavam instituições de tamanhos diferentes; eles demonstraram que escolas grandes tinham um número equivalente de *settings* em relação a escolas pequenas. Isso fazia com que estudantes de escolas pequenas tivessem maior probabilidade de assumir vários papéis diferentes (participar da banda, atuar em peças de teatro, jogar no time da escola etc.), enquanto alunos de escolas grandes tinham menos chances, ao enfrentarem uma dura seleção, o que tornava as escolas grandes menos atraentes como fontes de satisfação (BARKER; GUMP, 1964).

Para a Psicologia Ecológica, então, o ambiente não é desordenado. Ele “consiste em unidades limitadas e internamente padronizadas, frequentemente dispostas em arranjos e sequências precisamente ordenados” (BARKER, 1968: 154). A identificação dessas unidades não é arbitrária, pois obedece à hierarquização do ambiente, estruturado que está em sistemas ou camadas. Cada sistema contém outros sistemas componentes e, ao mesmo tempo, faz parte de um siste-

ma maior (como as camadas de uma cebola), mantendo com todos eles relações de interdependência. Imaginemos o caso de uma reunião mensal de professores com a coordenação pedagógica da escola do exemplo anterior. Na camada inferior estão todos os *settings* relativos à execução das atividades de ensino-aprendizagem (treino esportivo na quadra de esportes às terças-feiras, de 8:00 às 9:00h; aulas de matemática da segunda série às segundas, quartas e sextas-feiras, das 10:00 às 11:50h; e assim por diante). A relação de interdependência com *behavior settings* dispostos em camadas superiores estaria presente, por exemplo, nas deliberações da supervisão educacional daquele distrito, nas regras e normas estabelecidas pelo Ministério de Educação, entre outras medidas.

Considerações finais

A contribuição teórica trazida pelo esforço de Barker e colaboradores tem sido repetidamente reconhecida por aqueles que escrevem sobre Psicologia Ambiental ou sobre a área interdisciplinar de estudos pessoa-ambiente. Barker é unanimemente reconhecido como um dos principais fundadores, ainda que paradoxalmente sejam poucos os autores que se dedicaram (e se dedicam) ao aperfeiçoamento das bases teóricas de sua psicologia ecológica (SCOTT, 2005).

De um ponto de vista metodológico, o conceito de *behavior setting* tem servido imensamente à pesquisa na área das relações pessoa-ambiente, como nos mostram dois exemplos extraídos de manuais de pesquisa. Ao descreverem a técnica do mapeamento comportamental, Sommer e Sommer (1980) a apresentam como um desdobramento do conceito de *behavior setting*. Por seu turno, Bechtel (1987) dedica um capítulo à apresentação da psicologia ecológica de Barker, enfati-

zando a escala k21, os levantamentos de *behavior settings*, o ponto focal de comportamento e a aplicação à avaliação pós-ocupação.

As aplicações sociais da teoria dos *behavior settings* se estendem tanto a setores da própria Psicologia, notadamente escolar e social, quanto a outras áreas de conhecimento. Um exemplo é a área de avaliação ambiental, mais especificamente a avaliação social de edificações, à qual tem prestado inúmeras contribuições (ELALI; PINHEIRO, 2003). O conceito de *behavior setting* também já foi aplicado ao estudo das relações virtuais, em “ambientes” conformados pelas características especiais da internet (BLANCHARD, 2004), cujas condições polifuncionais implicam formidáveis desafios teóricos para o conceito (STOKOLS et al., 2009).

Os limites desta apresentação não permitem um tratamento do conceito de *behavior setting* à altura de sua importância; na verdade, os parágrafos anteriores apenas introduzem a riqueza da contribuição da psicologia ecológica de Barker e seus colaboradores. Para leitores interessados em aprofundar seu conhecimento sobre o assunto, recomendo iniciar com o artigo de Mary Scott (2005), ou com o capítulo de Allan Wicker (2002); para coberturas mais abrangentes da teoria, o livro introdutório de Wicker (1979) ou a revisão do trabalho de Barker realizada por Phil Schoggen (1989).

Referências

BARKER, R.G. (1987). Prospecting in Environmental Psychology: Oskaloosa Revisited. In: STOKOLS, D.; ALTMAN, I. (orgs.). *Handbook of Environmental Psychology*. Vol. 2. Nova York: Wiley, p. 1.413-1.432.

_____. (1968). *Ecological Psychology: Concepts and Methods for Studying the Environment of Human Behavior*. Stanford, Cal.: Stanford University Press.

BARKER, R.G.; GUMP, P.V. (1964). *Big School, Small School*. Stanford, Cal.: Stanford University Press.

BARKER, R.G.; WRIGHT, H.F. (1955). *Midwest and its Children: The Psychological Ecology of an American Town*. Nova York: Harper & Row.

_____. (1951). *One Boy's Day: A Specimen Record of Behavior*. Nova York: Harper; Row.

BECHTEL, R.B. (1987). Ecological Psychology. In: BECHTEL, R.B.; MARANS, R.W.; MICHELSON, W. (orgs.). *Methods in Environmental and Behavioral Research*. Nova York: Van Nostrand Reinhold, p. 191-215.

BLANCHARD, A. (2004). Virtual Behavior Settings: An Application of Behavior Setting Theories to Virtual Communities. *Journal of Computer Mediated Communication*, 9 (2) [Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol9/issue2/blanchard.html> – Acesso em 03/08/08].

ELALI, G.A.; PINHEIRO, J.Q. (2003). Edificando espaços, enxergando comportamentos: por um projeto arquitetônico centrado na relação pessoa-ambiente. In: MARQUES, S.; LARA, F.L.C. (orgs.). *Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto*. Rio de Janeiro: Virtual Científica, p. 130-144.

LEWIN, K. (1965). Ecologia psicológica. In: *Teoria de Campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira, p. 193-212 [Coletânea publicada em 1951; artigo original publicado em 1943].

ORZEK, A.M. (1987). Innovations in Ecological Psychology: Conversations with Roger and Louise Barker. *Journal of Counseling and Development*, 65, p. 233-237.

SCHOGGEN, P. (1989). *Behavior Settings: A Revision and Extension of Roger G. Barker's Ecological Psychology*. Stanford, Cal.: Stanford University Press.

SCOTT, M.M. (2005). A Powerful Theory and a paradox: Ecological Psychologists after Barker. *Environment & Behavior*, 37 (3), p. 295-329.

SOMMER, R.; SOMMER, B. (1980). *A Practical Guide to Behavioral Research: Tools And Techniques*. Nova York: Oxford University Press.

STOKOLS, D. et al. (2009). Psychology in an Age of Ecological Crisis – From Personal Angst to Collective Action. *American Psychologist*, 64 (3), p. 181-193.

WICKER, A.W. (2002). Ecological Psychology: Historical Contexts, Current Conception, Prospective Directions. In: BECHTEL, R.B.; CHURCHMAN, A. (orgs.). *Handbook of Environmental Psychology*. 2. ed. Nova York: Wiley, p. 114-126.

_____. (1979). *An Introduction to Ecological Psychology*. Monterey, Cal.: Brooks/Cole.

Leia também, neste volume, os capítulos 2) Ambiente; 5) Apropriação; 6) Arranjo espacial; 11) Comportamento socioespacial humano.
